

Ministério da Cultura, Governo do Estado de São Paulo e Secretaria da Cultura apresentam

Figuras da Dança

MARILENE MARTINS



SÃO PAULO
COMPANHIA DE
DANÇA



Marilene Martins: Inquietação e Modernidade

Antes da segunda metade do século passado, em uma cidade do interior de Minas Gerais que era capital de pedras preciosas, mocinhas folheavam revistas e livros com textos e fotos sobre os Ballets Russes. Ficavam encantadas com as bailarinas e as poses, e aquilo, que parecia tão distante, teve força determinante. Marilene Martins, a Nena, entusiasmada, decidiu perseguir este sonho: queria dançar.

Ela nasceu em Teófilo Otoni em 5 de agosto de 1935, em uma família de quatro filhas, em duplas de gêmeas. “Lembro-me das gêmeas mais velhas cantando e dançando no teatro da cidade em espetáculos infanto-juvenis”¹, conta. “Em casa, organizávamos apresentações familiares com números de dança e circo, em que eu era sempre a trapezista. Desde pequena, orava pedindo a Deus para não me deixar morrer antes de fazer dança. Na minha cidade, não tive oportunidade de assistir a grupos de dança ou teatro. E a TV ainda não existia no Brasil. Assistia a filmes de Shirley Temple; ela dançava muito bem, sapateava como ninguém, e eu ficava louca para fazer o mesmo. O que me inspirou a gostar de dança foram fotos maravilhosas dos Ballets Russes que via em livros que eu comprava.”

Acompanhando a mudança de suas irmãs Maria Amélia e Maria Amália (que já estudavam música em Belo Horizonte), Marilene e Marlene Martins começam a ter aulas de balé clássico com o professor Carlos Leite (1914-1995), ex-aluno da bailarina russa Maria Olenewa (1895-1965).

Leite teve papel fundamental na carreira de Nena, que aprendeu com ele a técnica clássica e a tradição dos balés do repertório russo, pois o professor os explicava didaticamente, informando sobre a

1. As entrevistas de Marilene Martins neste texto foram dadas a autora.

história da dança e preocupando-se com a contextualização. Por estar conectado ao mundo da dança nacional e internacional, Leite dialogava com grandes personalidades da dança e indicava alunos para seguirem carreira, fazendo contatos com outros profissionais. Essa postura influenciou seus alunos e reverberou ao longo da trajetória de Nena. Ela ressalta que aprendeu com o professor a disciplina da dança e, principalmente, a perseverança, mas que escapava das ríspidas correções de sua varinha correndo e saltando pela sala – o que causava risos das colegas e até mesmo do professor, que sucumbia à alegria e autenticidade da aluna.

Nena, junto com a irmã gêmea, passa a integrar o Ballet de Minas Gerais, dirigido por Leite. Demonstra muito talento e graciosidade, bailando com desenvoltura nas pontas e exibindo significativa expressividade na interpretação de peças como *As Sílfides* e *Carnaval*. Dentre alguns trabalhos coreografados pelo professor, Nena destaca a *Dança da Primavera*, coreografia criada especialmente para ela e a irmã. O Ballet de Minas Gerais se apresentava tanto na capital como em várias cidades do interior, vindo a ser reconhecido como um dos mais importantes grupos artísticos do cenário cultural do estado.

Leite já demonstrava preocupação com a questão da nacionalidade na dança brasileira, e o fato de ter vasto conhecimento musical proporcionou-lhe encenar balés que traziam à tona temas da cultura nacional dançados com o vocabulário do balé clássico; exemplos dessas produções foram *Tango Brasileiro*, *Sonata ao Luar* e *Cobra Grande*, coreografia de Klauss Vianna (1928-1992) para o Ballet de Minas Gerais. Enriquecendo as montagens operísticas com coreografias bem elaboradas e vigorosamente executadas, o Ballet Minas Gerais destacava-se também nas temporadas líricas, e Nena participou de muitas, entre elas *O Barbeiro de Sevilha*, *La Traviata* e *Rigoletto*.

Quando o pai não mais aprova que ela siga carreira de bailarina e proíbe o convívio com alguns colegas, Nena deixa o Ballet de Minas Gerais. Escondida dos pais, procura o casal Angel e Klauss Vianna e é acolhida por eles. Termina a formação em técnica clássica e passa a lecionar e dançar pelo Ballet Klauss Vianna.

Durante quatro anos, participa como bailarina de montagens e viagens da companhia em Minas, Rio de Janeiro e São Paulo. Dança não apenas balés da tradição clássica como *Sílfides*, o *pas de quatre* de *O Lago dos Cisnes* e a Fada Açucarada de *O Quebra-Nozes*, mas também obras criadas por Klauss, referências da modernidade no Brasil. Klauss inicia um processo de investigação estética, compondo com base em poetas e temas nacionais. Destaque para *O Caso do Vestido*, inspirado em poema de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), e *Arabela, a Donzela e o Mito*, baseado no romance *O Amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos (1906-1984). O trabalho de pesquisa e experimentação de Angel e Klauss lança sementes da dança moderna em Belo Horizonte. “A técnica de aula era clássica, mas com pesquisa de linguagem moderna”, lembra Nena. “A temática brasileira era nossa principal fonte de inspiração. Dançávamos com músicas e sons não convencionais para balé e até com os ruídos de máquinas de escrever. Queríamos fugir do tradicionalismo do balé clássico, e Klauss acreditava que o caminho era a pesquisa da nacionalidade e do gestual brasileiro.”

Em 1961, as irmãs de Nena que estudavam música na Universidade Federal da Bahia (UFBA), escrevem a ela dizendo que por lá estava um fabuloso professor de dança moderna, o alemão Rolf Gelewski (1930-1988), discípulo de Mary Wigman (1886-1973), Gret Palucca (1902-1993) e Marianne Vogelsang (1912-1973). Nena conta que, quando viu fotos em que Gelewski dançava com pés descalços e a bailarinas mostravam os cabelos



soltos em uma expressão de entrega total, não teve dúvidas de que estava perto daquilo que procurava. Sua vontade e sua visão de mundo não mais permitiram que ela continuasse em Belo Horizonte. “Eu queria outras coisas, não me sentia tão à vontade com a dança clássica.” Isso a instiga a procurar uma formação mais ampla. Inquieta, curiosa e insatisfeita com os limites da dança clássica, escreve ao mestre alemão, que responde chamando-a para fazer um teste na UFBA. Nena é aprovada e começa a frequentar como bolsista o curso de dança moderna. Torna-se assistente da professora de técnica clássica, Margarida Parreiras Horta; participa também do grupo Juventude e Dança e, depois, do Grupo de Dança Contemporânea da UFBA.

Gelewski traz um pensamento crítico à UFBA, proporcionando debates sistematizados que enfatizam trabalhos experimentais e pensamentos filosóficos sobre a dança. Nena se lembraria do que sentiu ao fazer a primeira aula dele: “Quando cheguei à Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia, foi uma sensação maravilhosa dançar com os pés no chão, sem sapatilhas. Nas aulas de Rolf, fazíamos tudo descalços, até mesmo o minueto. Senti que os pés respiravam, era uma sensação de liberdade”. A proposta de Gelewski era sistematizar uma técnica moderna e construir um programa de formação com conteúdo gradativo. Com muita disciplina, elaborou a estrutura pedagógica com vários temas da dança e suas aplicações, tudo descrito em apostilas elaboradas por ele mesmo. Seus alunos eram incentivados a anotar os exercícios. Assim se iniciaram os cadernos de Nena, com aulas descritas minuciosamente, mais observações e propostas de pesquisa.



Durante sua permanência em Salvador, Nena recebe um telegrama de Sigrig Hermany, ex-colega no Ballet de Minas Gerais, convidando-a a seguir com ela como bailarina do show *Skindô*, um espetáculo de teatro de revista que, dançado por um grupo de folclore e por bailarinos do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, viajaria em turnê no exterior. Ela considera uma ótima oportunidade de conhecer a Europa e, ainda por cima, receber um bom cachê. Após dois meses de espetáculos em Lisboa e Paris, Nena retorna para o Brasil e faz apresentações com o show em diversos estados.

Em 1964, interrompe o curso na UFBA e decide ficar no Rio de Janeiro. Estuda dança moderna com Nina Verchinina (1910-1995) e Helenita Sá Earp e faz curso sobre o Método Royal no Studio Dalal Achcar. Nesse período, trabalha nas redes Tupi, Excelsior, TV Rio e Globo, com os coreógrafos Ismael Guiser (1927-2008), Gilberto Motta, David Dupré (1930-1973) e Dennis Gray (1928-2005).

Em 1967, de volta a Belo Horizonte, insere-se no movimento cultural da cidade. Participa tanto do elenco de espetáculos infantis quanto de *Numância, ou Ficar a Pátria Livre* e *Futebol, Alegria do Povo*, encenações marcantes do Teatro Experimental, grupo dirigido por Jota D'Angelo. Do currículo de Nena, consta também uma passagem pelo cinema, atuando no curta-metragem *Talho Aberto*, dirigido por Ricardo Teixeira Salles. Nos encontros com a Geração Complemento (grupo de escritores, jornalistas, atores, cineastas, poetas, dançarinos, artistas plásticos e intelectuais de várias áreas), a bailarina-atriz encontra espaço para debater o momento político, questionar os padrões, analisar a vida cultural de Belo Horizonte e discutir propostas de transformação.

Em 1969, no porão de casa, na rua Piauí, 666, Nena dá início às atividades de sua escola, primeiro com aulas de técnica clássica. É nessa prática que sente a necessidade de voltar para Salvador para terminar a formação em dança moderna.

Depois de concluído o curso na Bahia, é incentivada a montar uma escola de dança moderna em Belo Horizonte por Gelewski, que promete dar toda a assistência. Ele acompanha a estruturação do curso passo a passo, indo a Belo Horizonte para auxiliar na organização do programa, que abrangia cinco anos básicos e três de aperfeiçoamento. O curso se compunha de algumas disciplinas obrigatórias e outras livres. Técnica de dança moderna, técnica de dança clássica, jazz, anatomia, composição, consciência corporal, improvisação, coreografia em grupo, estudo do espaço e da forma, elementos musicais, rítmica e estruturas sonoras eram matérias que compunham o currículo, sendo ministradas por Nena e professores da escola em cursos regulares ou por professores convidados em cursos de curta duração. Aos sábados, ofereciam-se aulas de reforço para quem estava com dificuldade em acompanhar o conteúdo.

O fundamento da escola era que o programa de dança moderna não devia aprisionar o dançarino. Tinham destaque as aulas de improvisação, assim como os exercícios de relaxamento e a valorização da espontaneidade, vistos como caminhos para o despertar criativo de um artista. “Primeiro a gente prepara o ser como um todo, e ele vai descobrindo as próprias possibilidades e capacidades”, relata Nena. “Só depois de se conhecer e estar completamente envolvido com o ato de dançar – com o seu próprio ser –, desenvolve-se uma técnica para aprimorar o movimento.”





A Escola de Dança Moderna Marilene Martins instala-se depois no Colégio Arnaldo, dirigido por padres. Ela ocupa um espaço enorme no terceiro andar, acima da capela, com grandes janelas que dão vista para as montanhas de Belo Horizonte.

Sempre inquieta, Nena busca artistas para trabalharem quer na escola, quer com o Trans-Forma Grupo Experimental de Dança, recém-formado por alunos da turma mais avançada. A bailarina e professora os busca literalmente, junto com o produtor e amigo Júlio Varela, responsável pelo Festival de Inverno da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sai de Belo Horizonte rumo a Buenos Aires, em uma viagem de quatro dias de Fusca, para convidar nada mais, nada menos, que o já renomado coreógrafo Oscar Araiz, do Teatro Colón, a lecionar no Festival, em Ouro Preto, e trabalhar na Escola. Araiz coreografará dois trabalhos para o Trans-Forma: *Aula Técnica e Coral*.

Desde o início da década de 1970, Nena coordena informalmente a área de dança do Festival de Inverno, sempre sugerindo nomes nacionais e internacionais para ministrarem os cursos. O Festival foi importante na formação de artistas e grupos mineiros porque se fazia imersão de um mês e teatro, dança, música e artes plásticas se entrelaçavam.

A Escola cresceu e tornou-se uma referência em Belo Horizonte, sendo frequentada não só por pessoas que queriam aprender a dançar, mas também por artistas de outras áreas que faziam os cursos livres oferecidos. Com isso, o espaço se transformou em lugar vivo e instigante. Havia uma biblioteca, e os alunos estudavam e debatiam.

Buscar movimentos em outras técnicas, pesquisar linguagens corporais e estar em contato com a diversidade artística eram



práticas pedagógicas fundamentais e tornaram-se uma marca da Escola. Nena viaja para a Europa e os Estados Unidos, onde estuda eutonia (com Gerda Alexander (1908-1994)), reeducação muscular, conscientização e alongamento do corpo, método Pilates e danças primitivas e faz cursos de dança clássica, dança moderna e jazz. Em Paris, frequenta aulas no estúdio de Jerome Andrews. Fica em Washington por uma semana para assistir a um curso na American University e depois parte para Connecticut, onde participa do 27th Connecticut College American Dance Festival. Em Nova York, visita os estúdios de dança Alwin Nikolais (1910-1993) e Murray Louis e de Merce Cunningham (1919-2009), a escola de dramaturgia de Stella Adler (1901-1992) e grupos de teatro-dança.

Preocupada com as questões da brasilidade, Nena inclui na proposta pedagógica da Escola estudos que abordam o gestual brasileiro. Com Marlene Silva, oferece também cursos de dança afro, dança primitiva, capoeira, samba e outras vertentes que fazem emergir a vontade de falar do país. Esse trabalho de pesquisa suscita muitas viagens e observações de rituais e do cotidiano não só na grande Belo Horizonte (vale do Jatobá), mas também em povoados do interior de Minas (vale do Jequitinhonha, por exemplo) e do Nordeste.

Nena se mostrava generosa em compartilhar com os alunos o que assimilava. Como pretendia formar bailarinos e professores, ela, sempre que oferecia um curso, transmitia-lhes aquilo que aprendera e preparava os que tinham mais facilidade e interesse em ensinar. Quando esses estudantes começavam a lecionar, Nena acompanhava o trabalho cotidianamente durante dois anos, programando reuniões semanais para discutir o desenvolvimento das aulas e turmas. Ela, entretanto, incentivava a autonomia dos professores, provocando-os

à experimentação, à pesquisa e ao estudo, já que deveriam incluir exercícios próprios e criar sequências coreográficas, o que dava caráter particular a cada aula. Entre os alunos de Nena que se tornaram professores da Escola, podemos citar Dudude Herrmann, Lydia Del Picchia, Dorinha Baeta, Arnaldo Alvarenga, Lúcia Ferreira, Mônica Ferreira, Mônica Tavares, Juliana Braga, Pedro Pederneiras e Rodrigo Pederneiras.

Sob a direção de Nena, o Trans-Forma Grupo Experimental teve sua trajetória marcada pelo caráter contemporâneo. Nena concebe vários espetáculos e chama artistas como Angel Vianna, Eid Ribeiro e José Adolfo Moura para coreografar e orientar processos de pesquisa, experimentação e criação coletiva. Na concepção de todos os elementos da encenação, preocupa-se em valorizar a expressividade dos movimentos. Por isso convida nomes com apurada visão de cena, como Mamélia Dorneles e Raul Belém Machado, para criarem cenários e figurinos. Proporcionando diálogos entre a tradição e a transgressão, o impacto que os espetáculos causam tanto em quem atua quanto em quem assiste modifica significativamente o panorama da dança em Belo Horizonte.

Já no final dos anos 1980, à medida que cresce o reconhecimento do trabalho do Trans-Forma, os componentes do grupo começam a manifestar vontade de se profissionalizar. Entretanto, esse nunca foi o interesse da fundadora, que gostaria de continuar em caráter didático, com alunos mais avançados, o trabalho de experimentação e de pesquisa. Por isso, em 1985, Nena opta por ficar somente com a escola e delegar a direção do grupo aos bailarinos Arnaldo Alvarenga e Lydia Del Picchia, sua sobrinha. Em 1987, os padres do Colégio Arnaldo comunicam que precisarão do espaço cedido, o que inviabiliza a continuidade do trabalho da Escola. Nena se

vê obrigada a encerrar as atividades, e pouco depois, em março de 1988, o Trans-Forma também conclui sua reconhecida e premiada trajetória. Nena aponta a falta de uma política pública para a dança como uma das principais causas do fim do grupo.

Nena tem uma maneira diferente de lidar com a disciplina e a autenticidade, demonstrando alegria em se relacionar com a dança e com seu aprendizado técnico. Sempre autônoma nas escolhas, traça possibilidades para tornar o processo de ensino-aprendizagem uma via de mão dupla. Como professora, é rigorosa com a qualidade e o comprometimento e incentiva os alunos defendendo a particularidade de cada um. Para ela, aprender uma técnica é a forma de conhecer o próprio corpo e ter elementos para criar.

Nena nunca para de estudar. Mesmo depois de encerradas as atividades da Escola e do Trans-Forma, fez curso de decoração no Instituto de Arte e Projeto (Inap) e formou-se em artes plásticas pela Escola Guignard (UEMG). Durante toda a vida, sempre gostou muito de escrever; escrevia inclusive nos programas de apresentação da escola, e sua poesia se faz nesse momento de vácuo, de transformação, sendo um lugar para expressar sua dor, seu momento de transição, seu amor pela dança. E a artista continua acumulando vivências em outras linguagens, começando um trabalho de pintura e escultura em que o corpo em movimento está sempre presente.

Tanto como bailarina-atriz-coreógrafa quanto como professora-educadora, a trajetória de Nena tem várias marcas. Sua escola e seu grupo colocam em cena a inquietação, a busca contínua por novidades, o diálogo entre as artes e, com ele, o livre trânsito entre as possibilidades contemporâneas de criação. O desejo de liberdade para dançar traz consigo o respeito ao corpo fora dos padrões



estéticos considerados ideais e a valorização das diferenças. Esses valores acabam extrapolando os limites da sala de aula e do campo da dança para tornarem-se maneira de ver e fazer-se presente no mundo. As propostas, ao desconstruírem conceitos e derrubarem paradigmas, provocam a formação de novas posturas e a construção de ideias inovadoras para a dança, vindo a ser referências fundamentais para a vida de várias pessoas. Tais práticas acabam contribuindo para a formação de uma geração mais consciente de suas possibilidades expressivas e criativas.

Hoje, Nena e seu trabalho se fazem presentes na dança em Minas e no Brasil, como expoentes oriundos de uma base forte, alimentada pela autonomia criativa dos ex-alunos – entre eles alguns fundadores do Grupo Corpo, vários coreógrafos, grupos de teatro, bailarinos, professores, artistas e diretores de escolas livres e de ensino formalizado de dança.

A estrutura composicional, embasada na experimentação, na invenção e na intensa pesquisa do gestual e do movimento, reverberam em vários artistas e pesquisadores, que têm marcados na memória princípios bem elaborados – notadamente a consciência de que o motor impulsional se funda na inquietação, na sistematização e na modernidade sedimentadas pela multiartista Nena.

Por Paola Rettore

Paola Rettore é bailarina-atriz, coreógrafa, poeta, pedagoga, especialista em arte e contemporaneidade pela Guignard (UEMG) e mestre em artes (UFMG). Dirige a Vagabundagem Dance Uncia. É autora de diversos livros, entre eles O Anjo da Dança, Pequenas Navegações - Cartas de Amor e Avestruz - Só Tenho Rascunhos.



Marilene Martins | Cronologia

1935 Em 5 de agosto, nasce em Teófilo Otoni (Minas Gerais), sendo filha do agrônomo Oswaldo Martins Prates (1903-1984) e de Amélia Lopes Martins (1912-2008);

1951 Aos 16 anos, muda-se para Belo Horizonte com a irmã gêmea, Marlene, juntando-se às duas irmãs mais velhas (também gêmeas), Maria Amélia e Maria Amália;

1952 Inicia aulas de balé clássico com o professor Carlos Leite e, por quatro anos, frequenta o curso de dança clássica;

1953 Integra o Ballet de Minas Gerais, dirigido por Carlos Leite, participando de diversos espetáculos. Dança *Quadro Andaluz*, *Tocata e Fuga* e *Folhas de Outono* e se destaca em *Dança da Primavera*, criada para dançar com Marlene. Atua também em óperas como *O Barbeiro de Sevilha*, *La Traviata* e *Rigoletto*;

1954 Participa das remontagens de *As Sílfides* e *Carnaval*, de Carlos Leite;

1955 Com o Ballet de Minas Gerais, dança *Tango Brasileiro*, *Cobra Grande* e *Sonata ao Luar* e participa do espetáculo *Noite de Walpurgis*;

1956 Transfere-se para o Ballet Klaus Vianna, onde conclui a formação em dança clássica. Torna-se professora assistente de Klaus (1928-1992) e Angel Vianna e participa de espetáculos em Minas, Rio e São Paulo;

1957 Na temporada do Ballet Klaus Vianna, faz o papel da Fada Açucarada em *O Quebra-Nozes* e dança *As Sílfides*, *Dança do Apache* e o *pas de quatre* de *O Lago dos Cisnes*;

1959 Dança *Suíte Clássica*, *Estudo* e *O Caso do Vestido* (baseado no poema de Carlos Drummond de Andrade) e obras coreografadas por Klaus Vianna;

1960 Apresenta-se com o Ballet Klaus Vianna, dançando *Arabela*, *a Donzela e o Mito*; *Concerto Barroco*; *Delírio*; e *Jazz*;

1961 Muda-se para Salvador, com bolsa de estudos para o curso de dança moderna da UFBA, tendo como principal professor o alemão Rolf Gelewski (1930-1988). Atua também como professora de dança clássica;

1962 Por dois meses, apresenta-se em Lisboa e Paris, integrando o show *Skindô* com um grupo de folclore e bailarinos do Theatro Municipal do Rio de Janeiro;

1963 Em Brasília, apresenta-se com o Grupo da UFBA, participa do II Encontro de Escolas de Dança do Brasil, organizado por Paschoal Carlos Magno;

1964 Transfere-se para o Rio de Janeiro para estudar dança clássica com Klaus Vianna e Consuelo Rios e dança moderna com Nina Verchinina (1910-1995) e Helenita Sá Earp. Faz curso de história da arte com Frederico Moraes e de Método Royal no Studio Dalal Achcar. Trabalha em shows e programas de TV com os coreógrafos Ismael Guiser (1927-2008), Gilberto Motta, David Dupré (1930-1973) e Dennis Gray (1928-2005);

1967 Regressa para Belo Horizonte e, pela primeira vez, participa de um espetáculo de teatro infantil, *Maninho*, o *Pequeno Herói*;

1968 Atua no espetáculo teatral *Numância, ou Ficar a Pátria Livre*, com o Grupo Teatro Experimental, sob a direção de Amir Haddad. Tem sua primeira experiência em atuação no cinema com o curta-metragem *Talho Aberto*, dirigido por Ricardo Teixeira de Salles;

1969 Em Belo Horizonte, cria na própria casa uma escola de dança que, de início, oferece aulas de dança clássica. Volta ao Teatro Experimental em *Futebol*, *Alegria do Povo*, espetáculo teatral dirigido por Jota D'Angelo com texto escrito por ele em parceria com Carlos Alberto Rattón;

1970 Volta para Salvador para concluir na UFBA o curso de dança moderna. Apresenta-se várias vezes com o Grupo de Dança Contemporânea da Universidade. É convidada a ministrar o curso de expressão corporal no IV Festival de Inverno de Ouro Preto e é assistente de Rolf Gelewski. Em Salvador, faz também os cursos *Técnicas de Teatro Contemporâneo*, *Laboratório* e *Encontro*; *Teatro do Engajamento Social*; *O Diretor e os Atores*; e *Os Mestres da Dramaturgia Americana*, com os professores Barbara Heliodora, Ivan de Albuquerque, Klaus Vianna e Peter J. Schoenbach;

1935 - Com a irmã gêmea Marlene



1959 - O Caso do Vestido



1962 - Skindô



1970 - Grupo de Dança Contemporânea da UFBA



1971 Em sua escola, introduz o curso de dança moderna, elaborado por ela. A Escola de Dança Moderna Marilene Martins passa a funcionar no Colégio Arnaldo. Cria o Trans-Forma Grupo Experimental de Dança, composto de alunos da escola, e é diretora, coreógrafa e bailarina do grupo. Coreógrafa *Rhythmtron*; *Suíte de Bach: Polonaise, Minueto e Giga* (três danças que expressam formas do Barroco); e *Prelúdio da Menina Só*. Como professora de expressão corporal, participa do V Festival de Inverno de Ouro Preto. Faz com José Adolfo Moura o curso Sensibilização e Improvisação e convida o professor a orientar os alunos de sua escola em trabalhos de criação coletiva que originam as coreografias *Polymorphia* e *Square Dance*. Recebe o prêmio Palma de Ouro;

1972 No VI Festival de Inverno de Ouro Preto, faz o curso Dança Moderna e Teatro, dado por Clyde Morgan, Klaus Vianna e Paulo Afonso Grisolli. É aluna de Jura Otero no curso de expressão corporal e de Vilma Vernon no curso de jazz. Convida José Adolfo Moura para ministrar na Escola o curso Sensibilização e Improvisação e orientar a criação coletiva de *Mandala*;

1973 Na Sociedade Mineira de Educação Musical, faz o curso intensivo de educação musical, estudando Música e Movimento, com o professor Helder Parente; Expressão Corporal, com Angel Vianna; Pesquisas com Sons e Novos Caminhos para a Música no Século XX, com José Maria Neves; e Música e Atividades Integradas, com Sílvia Aderne. Estuda dança moderna com Lourdes Bastos. Participa do VII Festival de Inverno de Ouro Preto, tendo aulas de composição, com Oscar Araiz; dança contemporânea, com Cristina Bornils; técnica clássica, com Bettina Bellomo; e *partenaire*, com Maurício Wajnrot. Viaja para Buenos Aires, onde cursa expressão corporal com Patricia Stokoe e Perla Jaritonsky e estímulos sonoros com Carlos Gianni e Eduardo Segal, no Studio Patricia Stokoe. Em Belo Horizonte, promove vários cursos na Escola, incentivando a pesquisa e a busca da diversidade, num trabalho pedagógico que se torna uma marca. A Escola organiza a Semana Ver, Ouvir e Movimentar-se, sob orientação de Rolf Gelewski e Paulo Baeta, e os cursos Sensibilização e Expressão Corporal, com Angel Vianna; Estruturas Sonoras, com Gelewski e Baeta; Método Martha Graham, com Freddy Romero; Dança Clássica, com Bettina; e Dança Contemporânea, com Baeta;

1974 Promove e frequenta em sua escola os cursos Dança Clássica, com Max Markstein; Expressão Corporal, com Carmen Paternostro; Noções de Rítmica, com Maria Amélia Martins; e Iniciação ao Teatro, com Eid Ribeiro. De junho a agosto, viaja com Klaus e Angel Vianna pela Europa e pelos Estados Unidos; na ocasião, faz cursos de eutonia com

a dinamarquesa Gerda Alexander, fica uma semana em Washington para assistir a curso na American University, parte para participar do 27th Connecticut College American Dance Festival e faz aulas de alongamento e Pilates em Nova York. De volta ao Brasil, coreógrafa *Missa Breve*; *Pranto*; e *O Que Tinha de Ser*. Oscar Araiz coreógrafa *Coral*, Lourdes Bastos faz *Forma Pop*, e Ivaldo Bertazzo cria *Terra* para as alunas da Escola e para o Trans-Forma. Nena incentiva Rodrigo Pederneiras a criar *A Dois*, primeira coreografia dele;

1975 Promove os cursos Belly Dance – Dança Oriental, com Ivaldo Bertazzo; e Dança: Espontaneidade, Consciência e Improvisação, com Paulo Baeta. No IX Festival de Inverno de Ouro Preto, frequenta as aulas de dança afro-brasileira (Mercedes Batista), de ritmo e interpretação (Graciela Figueroa) e de método Martha Graham (Ruth Rachou). Os irmãos Pederneiras saem do Trans-Forma para formar o Grupo Corpo. O Trans-Forma se vê obrigado a reorganizar-se, para só retornar aos palcos em 1977;

1976 Na Escola, faz os cursos Movimentação e Rítmica, Movimentos na Barra e Movimentos de Intensidade, com as professoras Ila Zadrozny e Sílvia Tessuto; Dança Clássica, com Bettina Bellomo; Dança Moderna e Rítmica, com Graciela Figueroa; e Rítmicos e Sons, com Eduardo Bertola;

1977 A Escola passa a promover também cursos de aperfeiçoamento, destacando-se dança clássica, com Bettina Bellomo; e método Martha Graham, com Freddy Romero. Graças às aulas de Diana Rigel, Nena aprofunda os estudos em sensibilização e controle muscular. Graciela Figueroa coreógrafa *Bola na Área* para o Trans-Forma;

1978 Reencontra Rolf Gelewski e Paulo Baeta no curso Espontaneidade e Consciência: Trabalho de Improvisação e Concentração na Dança, ministrado pelos dois. Com o Trans-Forma, participa em Salvador do II Concurso Nacional de Dança Contemporânea, apresentando *Terreno Baldio*, com concepção de Angel Vianna e direção teatral de Eid Ribeiro;

1979 Convida Denilton Gomes (1953-1994) para dar aulas sobre o método Rudolf Laban. Comemorando os dez anos da Escola, Gomes coreógrafa *Concerto Barroco* para os alunos, e Stéphane Dosse coreógrafa *Aleluia*. A Escola promove curso de sapateado flamenco, com Alberto Margarido Pinto. Em Salvador, o Trans-Forma apresenta *Terreno Baldio* no III Concurso Nacional de Dança Contemporânea e é um dos vencedores. No Rio, o mesmo

1971 - Escola de Dança Moderna Marilene Martins



1971 - Rhythmtron

1974 - Missa Breve



1974 - Forma Pop



espetáculo é apresentado no II Ciclo de Dança Contemporânea;

1980 Durante o I Encontro de Escolas de Dança e Ballet de Belo Horizonte, faz o curso de jazz, com Vilma Vernon. Em Salvador, com o Trans-Forma, participa da Oficina Nacional de Dança Contemporânea, em que é premiado o espetáculo *Kuadê: Juruna Mata o Sol*, criação coletiva com orientação de José Adolfo Moura;

1981 Incentiva Dudude Herrmann a iniciar-se na investigação coreográfica, e Dudude cria sua primeira coreografia, *Escolha Seu Sonho*;

1982 A Escola apresenta *Evoluções*, reunindo alunos e componentes do grupo amador sob a direção de Dorinha Baeta;

1983 Para os alunos, coreografa *Como Se Toca Se Dança* e *Pretexto Para Dançar*;

1984 *Casa de Infância*, coreografia de Mara Borba para o Trans-Forma, ganha o prêmio de melhor espetáculo de dança de Belo Horizonte;

1985 O Trans-Forma apresenta *Ravel*, coreografado por Arnaldo Alvarenga; *Choreo Rithmos*, coreografado por Lydia Del Picchia; e *Serenata do Adeus*, coreografado por Alvarenga e Lydia;

1986 No final do ano, encerram-se as atividades da Escola. O Trans-Forma atua por mais dois anos, sob a direção de Arnaldo Alvarenga e Lydia Del Picchia, e é premiado por *Vidros Moidos: Coração de Nelson*, concepção coreográfica de Sônia Mota;

1987 Dedicar-se ao curso de decoração no Instituto de Arte e Projeto (Inap);

1989 Forma-se em decoração;

1990 É aprovada no vestibular para o curso de artes plásticas na Escola Guignard (depois integrada à Universidade Estadual de Minas Gerais);

1992 Recebe o título de Cidadã Honorária de Belo Horizonte;

1994 Termina a graduação em artes plásticas e faz exposições em Belo Horizonte;

2009 Estuda teatro no Galpão Cine Horto;

2012 Dá continuidade a seus trabalhos como artista plástica e poeta.

Cronologia por Glória Reis

Glória Reis é graduada em História (UFMG), especialista em Arte-Educação (CEPEMG) e mestre em Ciências Sociais pela PUC Minas. É professora do Centro de Formação Artística da Fundação Clóvis Salgado, Escola de Teatro da PUC Minas e do Centro Universitário de Belo Horizonte.

1974 - Terra



1979 - Terreno Baldio



1984 - Casa de Infância



1986 - Vidros Moidos



Para Saber Mais

Publicações

Marilene Martins: a dança moderna em Belo Horizonte, de Gabriela Córdova Christóforo | Instituto Mulheres Criativas, Belo Horizonte, 2010 | A publicação é parte do projeto *Missão Memória da Dança em Minas Gerais*.

Cidade e Palco: Experimentação, Transformação e Permanências, de Glória Reis | Editora Cuatiara, Belo Horizonte, 2005.

Publicações acadêmicas

Possíveis Diálogos Históricos para a Construção de Uma Linguagem Contemporânea na Dança em Belo Horizonte, de Gabriele Generoso | Universidade Federal da Bahia (UFBA), 2007.

Movimento Expandido: Confluência entre a dança e o teatro na criação do bailarino, de Gabriela Córdova Christóforo | Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2009.

A Improvisação no processo de criação e composição da dança de Dudude Herrmann, de Paola Rettore | Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2010.

Personalidades da Dança em Minas Gerais: história oral e memória em dança no Brasil, de Arnaldo Leite de Alvarenga | Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2010.





Skindó (1962)



Dança dos Quadrados (1972)



Rhythmtron (1962)



Polymorphia (1972)



Prelúdio de uma Menina Só (1972)



Sequência de Jazz (1972)



Suíte de Bach - Polonaise, Minueto e Giga (1972)



O que Tinha de Ser (1974)



Missa Breve (1974)



Forma Pop (1974)



Pranto (1974)



Terra (1974)



A Dois (1974)



Coral (1974)



Bola na Área (1977)



Kuadê: Juruna Mata o Sol (1980)



Concerto Barroco (1980)



Escolha seu Sonho (1981)



Casa da Infância (1985)



Vidros Moídos (1986)



SÃO PAULO
COMPANHIA DE
DANÇA

DIREÇÃO ARTÍSTICA | INÊS BOGÉA

É uma companhia que dança de ponta a ponta, seja pelo variado repertório, que vai do clássico ao contemporâneo; seja pela diversidade dos programas, que abrangem Produção Artística e Circulação de Espetáculos; Programas Educativos e de Formação de Plateia; e Programas de Registro e Memória da Dança. A SPCD, dirigida por Inês Bogéa, busca uma conexão com a plateia pela paixão, curiosidade e percepção do mundo da dança em movimento. Desde que foi criada produziu 22 coreografias, realizou mais de 300 espetáculos e foi vista por 300 mil pessoas. A SPCD também produziu mais de 30 documentários sobre dança e publicou quatro livros de ensaios.

Fotos: Willian Aguiar, João Caldas e Alceu Berr



Figuras da Dança

A dança tem muitas histórias, e para revelar um pouco delas a Companhia criou a série de documentários *Figuras da Dança* que traz para você essa arte contada por quem a viveu. A série conta com 21 episódios: Ady Addor, Ismael Guiser (1927-2008), Ivonice Satie (1950-2008), Marilena Ansaldi, Penha de Souza, Antonio Carlos Cardoso, Hulda Bittencourt, Luis Arrieta, Ruth Rachou, Tatiana Leskova, Angel Vianna, Carlos Moraes, Márcia Haydée, Décio Otero, Sônia Mota, Célia Gouvêa, Ana Botafogo, Ismael Ivo, Lia Robatto, Marilene Martins e Edson Claro.

Com concepção de Inês Bogéa e Iracity Cardoso a série teve codireção de Inês Bogéa e Antônio Carlos Rebescos (2008), Sérgio Roizenblit (2009), Moira Toledo (2010) e direção de Inês Bogéa (2011 e 2012).

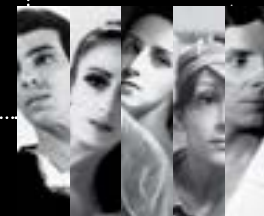
2012



2011



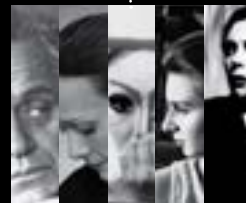
2010



2009



2008





2012

"A dança é uma forma muito completa de expressão, você não depende de mais nada a não ser do seu eu, porque o corpo carrega com tudo, carrega com a emoção, a razão e também os preconceitos e os medos, as paixões enfim..., nós somos o próprio meio e conteúdo."

Lia Robatto

"Como eu olho as pessoas, como eu me interesso pelas pessoas, como eu me interesso pelo mundo, é através da dança. O universo se move e você traduz na sua arte."

Ismael Ivo

"Para ser professor, aquele que modifica, que ajuda você a metamorfosear, tem que ser corajoso, persistente. Tem que estudar muito e descobrir a alegria que é dançar."

Edson Claro

"Dança é ir a luta, é estar sempre disponível, é saber que falta muito, que é tudo muito difícil, mas sempre acreditar. É uma vontade de encontro, de viver e conviver, de dar e receber, de celebrar a vida!"

Marilene Martins

"Eu chamo a criação de 'decida ao inferno', porque não é um processo tranquilo, é conflitante. É preciso um mergulho profundo para dentro de si mesmo."

Célia Gouvêa

"É maravilhoso poder através do nosso corpo, do nosso movimento, emocionar o público."

Ana Botafogo

2010

"Nós dançamos muito em casa e vivemos muito no palco. A gente traz a arte para a casa e a casa para o palco."

Décio Otero

"A grande escola da dança é a vida. O artista só se faz se jogando na vida. [Quando criança] Era na dança que eu encontrava as cores da vida."

Sônia Mota

"A dança não é carreira. É uma maneira de viver. Para mim o mais importante é que o bailarino leve o público ao cenário e que emocionalmente eles façam a viagem com você."

Márcia Haydée

"Quando você está encontrando essa harmonia corporal, você encontra também a percepção da totalidade do seu corpo. E aí você vai vendo que corpo é esse. Quem sou eu; de onde eu vim; porque que eu vim; pra que eu vim; que queres de mim; pra onde eu vou e porque eu vou."

Angel Vianna

"Eu vou muito pela palavra. Eu gosto da palavra. Ela se encaixa e se incorpora. Ela incorpora..."

A palavra incorpora. Dançar é Viver!"

Carlos Moraes

2011

2009

“Não existe arte sem paixão. Em qualquer área. Se não tiver paixão, mude de profissão.”

Hulda Bittencourt

“Quando eu me envolvi com a dança foi algo fulminante!”

Antonio Carlos Cardoso

“Dança é mudança. É modificação. No espetáculo de dança o público assiste com os olhos, mas o corpo mesmo que registra o trabalho de dança. Dança é um espetáculo que se assiste de corpo a corpo.”

Luis Arrieta

“Quando estava no palco me sentia em casa. Bem, feliz. A gente se dava, como a gente dá nossa amizade para alguém. Até agora foi a arte que me sustentou. É a nossa religião de bailarino, é fé. Tem que acreditar.”

Tatiana Leskova

“Dançar é voar. Dançar é falar com o corpo, tem que ter um interior poético, uma imagem interior dançando. O bailarino não só executa, ele interpreta.”

Ruth Rachou

2008

“Eu gostava de dançar, ligar uma coisa com a outra e interpretar o que aquele espaço estava me dizendo e o que eu poderia dizer para as pessoas.”

Ady Addor

“Eu sou a favor de tudo que seja bem feito, clássico sim, contemporâneo sim, teatro sim, expressão corporal sim, tudo é sim.”

Ismael Guiser (1927-2008)

“A coisa que eu mais gosto de fazer é estar no palco. É o lugar onde eu me sinto mais feliz. Para mim, dançar é passar para o público alguma coisa além da execução. Quando o público recebe isso, ele está recebendo sua alma.”

Ivonicé Satie (1950-2008)

“Eu gosto de dar aula, nunca quis ser uma bailarina, eu só queria ser uma professora melhor. É o mais importante, dançar, dançar, dançar, dançar e dançar!”

Penha de Souza

“O que me impulsionou a seguir essa carreira foi uma violenta paixão, eu sempre me motivei muito pela paixão. Se você vai perguntar, compensa ser bailarina? Compensa ser ator? Compensa ser escritor? Compensa ser alguma coisa que fale ao espírito e que mexa no interior das pessoas? Claro que vale a pena. Só isso vale a pena.”

Marilena Ansaldi

Figuras da Dança
PENHA DE SOUZA



SÃO PAULO
COMPANHIA DE
DANÇA

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

GERALDO ALCKMIN
GOVERNADOR DO ESTADO

MARCELO MATTOS ARAUJO
SECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA

MARIA THERESA BOSI DE
MAGALHÃES
COORDENADORA DA UNIDADE DE FOMENTO E
DIFUSÃO DA PRODUÇÃO CULTURAL

ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA
ASSOCIAÇÃO PRÓ-DANÇA

SÃO PAULO COMPANHIA DE DANÇA

DIREÇÃO
INÊS BOGÉA

SUPERINTENDÊNCIA
LUCA BALDOVINO | SÍLVIA KAWATA

ENSAIO
COORDENADORA | KARINA MENDES
ENSAIADOR / PROFESSOR | MANOEL FRANCISCO
ENSAIADORA | ANA TEREZA GONZAGA
PROFESSOR | JOSÉ RICARDO TOMASELLI
ASSISTENTE DE ENSAIO | BEATRIZ HACK
BAILARINOS | ACOAÔ DE CASTRO, ALINE CAMPOS,
AMMANDA ROSA, ANA PAULA CAMARGO, ANA ROBERTA
TEIXEIRA, ANDRÉ GRIPPI, ARTEMIS BASTOS, BEATRIZ
HACK, BRUNO VELOSO, DIEGO DE PAULA, DUDA BRAZ, ED
LOUZARDO, EDUARDO LIMA, FABIANA IKEHARA, FELLIPE
CAMAROTTO, JOCA ANTUNES, KARINA MOREIRA, LUCAS
VALENTE, LUIZA DEL RIO, LUIZA LOPES, MICHELLE
MOLINA, MILTON COATTI, MORGANA CAPPELLARI,
NIELSON SOUZA, NORTON FANTINEL, PAMELA VALIM,
PAULA PENACHIO, PILAR GIRALDO, RAFAEL GOMES,
RAPHAEL PANTA, ROBERTA BUSSONI, RODOLFO SARAIVA,
SAMUEL KAVALERSKI, THAÍS DE ASSIS, THAMIRIS PRATA,
YOSHI SUZUKI
PIANISTA | ROSELY CHAMMA
TERAPEUTA CORPORAL | CISSA SANTINI
AUXILIARES DE ENSAIO | ISADORA FATIGATI BATTIATO |
JORGE EDUARDO DE FRANCIOLLI

PRODUÇÃO

COORDENADOR | ANTONIO MAGNOLER
PRODUTOR TÉCNICO | LUIZ ALEX TASSO
PRODUTOR | MARCIO BRANCO
ILUMINADOR | GUILHERME PATERNO
TÉCNICO DE SOM | SÉRGIO PAES
MAQUINISTA | JONAS SOARES
AUXILIAR DE PRODUÇÃO | ANDRÉ SOUZA
CAMAREIRAS | ELIZABETE ROQUE | VERA LÚCIA PEREIRA

EDUCATIVO E MEMÓRIA

COORDENADORA | MARCELA BENVENEGU
ASSESSOR DE AUDIOVISUAL | CHARLES LIMA
ASSISTENTES DE EDUCATIVO E MEMÓRIA | BRUNO CEZAR
ALVES | CLÁUDIA TRENTO
ASSISTENTE DE PRODUÇÃO | RENAN HENRIQUE MELO
AUXILIARES DE EDUCATIVO E MEMÓRIA | MURILO ROCHA |
RENAN KOBAYASHI
AUXILIAR AUDIOVISUAL | CARLOS YAMAMOTO
DIAGRAMADORA | JANAINA SEOLIN
ESTAGIÁRIOS | ANDREWS SEVILIO | ERIKA MUNIZ

ADMINISTRAÇÃO

COORDENADOR | MARCIO TANNO
ASSESSORA ADMINISTRATIVA | CRISTIANE AURELIANO
ASSESSORA DE DIREÇÃO E SUPERINTENDÊNCIA | ROBERTA
ALVARES
SECRETÁRIA DE DIREÇÃO | MORGANA LIMA
ANALISTA DE RECURSOS HUMANOS | GIOVANI TÁPIA
ANALISTA DE TI | MARCO AURÉLIO PITON
ANALISTA FINANCEIRO | EDUARDO BERNARDES DA SILVA
ASSISTENTE ADMINISTRATIVO | CARLOS SOARES
ASSISTENTE CONTÁBIL | DIEGO MENDES MARTINS
ARQUIVISTA | MARIA FERNANDA FREITAS
AUXILIARES ADMINISTRATIVO-FINANCEIRO | ALEX
RODRIGO DA SILVA | FELIPPE GOZZI FIGUEIREDO | JEFFERSON
DE SOUZA DIAS
RECEPCIONISTA | EVANGELINA MELO
AUXILIARES DE SERVIÇOS GERAIS | EDMILSON EVANGELISTA
DOS SANTOS | NEIDE DOS SANTOS NERY | ANÁLIA PEREIRA
DE BRITO
APRENDIZES | ANA CAROLINA FLORÊNCIO NOGUEIRA |
VINÍCIUS SOARES DOS SANTOS

COLABORADORES

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO | EDITOR – EDISON PAES
DE MELO
CONSULTORIA JURÍDICA | FALAVIGNA, MANNRICH, SENRA
E VASCONCELOS ADVOGADOS | BARBOSA E SPALDING
ADVOGADOS
CONTRATOS INTERNACIONAIS | OLIVIERI ASSOCIADOS
CONTABILIDADE | ESCRITÓRIO CONTÁBIL DOM BOSCO
FORNECEDOR EXCLUSIVO DE SAPATILHAS | CAPEZIO
WEBSITE | VAD – PROJETOS MULTIMÍDIA

Créditos do livroto

Projeto gráfico: Mayumi Okuyama | Diagramação: Janaina Seolin | Fotografias da cronologia: Clarissa Lambert,
Mauro Servulo, Waldir Lau e acervo pessoal de Marilene Martins | Revisão de textos: Mario Villela

< Marilene Martins (fotos: Pedro Coimbra Pádua)

[contracapa] Marilene Martins, 2012 (foto: Acervo SPCD) >>



MARILENE MARTINS



Apoio

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte
MINISTÉRIO DA CULTURA



Patrocínio



Finalização



:)))
PlayRK30

Realização

ASSOCIAÇÃO
PRÓ-DANÇA
ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA




GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO
Secretaria da Cultura

Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA